

## O CIRCO ITINERANTE:

### COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DRA. LISANDRA OLIVEIRA SILVA

Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Professora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Pesquisadora do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte – UFRGS

RAFAEL MARTINELLI

Licenciando em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**Resumo** | O artigo trata de um relato da experiência de Estágio Docente de Educação Física na Educação Infantil. O trabalho foi realizado em uma Instituição Pública de Educação Infantil da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, durante o segundo semestre de 2015, com crianças entre quatro e cinco anos de idade. A temática escolhida a ser trabalhada nas aulas de Educação Física foi o Circo, devido a sua abrangência de possibilidade de práticas corporais e de sua aceitação por crianças dessa faixa etária. Para esse relato, escolhemos narrar três momentos da experiência, partindo do entendimento de que foram significativos em nossa construção da docência. Finalizamos, refletindo sobre como o Circo teve uma boa aceitação da turma e se mostrou uma excelente estratégia pedagógica para a Educação Física Infantil.

**Palavras-chave** | Educação Física Escolar; Educação Infantil; Circo.

## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A experiência de Estágio Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física (EF) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – que compartilhamos neste texto – foi realizada em uma Instituição Pública de Educação Infantil (EI) da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, com uma turma de Jardim A, com 22 crianças, de faixa etária entre 4 e 5 anos. Foram, aproximadamente, três meses de prática pedagógica de EF, a partir de 23 aulas planejadas, realizadas e avaliadas durante o período de Estágio. As aulas de EF eram realizadas nas segundas e quartas-feiras, das 9h 20min às 10h. Destacamos que o Estágio na Educação Infantil é o primeiro Estágio Docente obrigatório do currículo do Curso de Licenciatura em EF da ESEF/UFRGS<sup>1</sup>, se constituindo em um marco na atuação do estudante. Nessa etapa, os alunos são confrontados com seus medos, anseios, perspectivas profissionais e o exercício da docência neste nível de ensino.

É importante destacar que a escola que realizamos o Estágio recebeu, pela primeira vez, uma turma de estagiários de um Curso de Licenciatura em EF para realizar um trabalho envolvendo o Componente Curricular EF com seus alunos. Assim, necessitamos localizar que, nossa prática pedagógica do Estágio em EF, nesta escola, foi a primeira experiência formal que as crianças tiveram com docentes de EF. Ou seja, a escola não conta com docente de Educação Física e até este momento, os conhecimentos da cultura corporal de movimento, bem como, um espaço pedagógico para trabalhá-los, eram desenvolvidos pelas educadoras de cada turma, no horário da rotina escolar reservado para a hora do pátio. A partir do início das atividades dos estagiários na escola, a Supervisora de Estágio da ESEF/UFRGS, juntamente com a Coordenadora Pedagógica da escola, organizaram um horário para as aulas de EF de cada turma, que foram incluídos na rotina das crianças<sup>2</sup>.

1. Posteriormente a esse Estágio, os estudantes do Curso de EF realizam os Estágios de Docência no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.
2. Quando esta experiência foi realizada na escola, os horários das aulas de EF, nas segundas e quartas-feiras pela manhã, estavam organizados da seguinte forma, nas 10 turmas de EI: das 8h 30min às 9h 10min (duas turmas de Maternal 1 e uma de Maternal 2); das 9h 10min às 9h 50min (três turmas de Maternal 2); das 9h 20min às 10h (duas turmas de Jardim A); e das 10h às 10h 40min (duas turmas de Jardim B).

Destacamos, ainda, que a escola conta com cinco espaços externos que utilizamos para a EF: (**pátio frontal**, com brinquedos de praça, gira-gira, casinha infantil, escorregador, balanços, dentre outros; **pátio dos fundos**, o maior da escola, pois até três turmas podem ter aulas neste espaço ao mesmo tempo, continha balanços, diversos brinquedos, duas mini goleiras de futebol, uma rede de vôlei infantil e duas mini tabelas de basquete; **pátio lateral**, espaço de passagem entre um pátio e outro; **mini saguão da saída dos Maternais**, espaço coberto, com dois bancos, que ocorre a saída dos Maternais no final da tarde; **pátio solário**, espaço bem demarcado, conta com uma parede própria para utilizar giz e brinquedos específicos para Maternais, escorregador, gangorra, casinha, todos brinquedos pequenos e de plástico). Os espaços internos da escola, do mesmo modo disponíveis para a EF, eram: **brinquedoteca**, com diversos brinquedos, uma piscina de bolinhas e uma cama elástica grande; **sala do espumado**, com piso forrado de tatame colorido e diversas figuras e formas geométricas espumadas e coloridas dispostas no chão e uma piscina de bolinhas; **dormitório pequeno**: dormitório dos Maternais, uma sala grande de piso de *parquet* com uma televisão e um rádio; **dormitório grande**: dormitório dos Jardins, também com uma televisão e um rádio e por ser um espaço grande e não conter materiais, até três turmas podem ter aula ao mesmo tempo; **biblioteca**: espaço com mini estantes de livros, que ficam alocadas nas paredes, possui um cenário de teatro de fantoches que também podemos utilizar; **sala de arte**: espaço com mesas e cadeiras disponíveis para atividades artísticas diversas; **salas de aula**: utilizadas em dias de chuva, ou, quando realizávamos atividades de avaliação com desenho<sup>3</sup>. Além desses espaços, a escola possui os seguintes materiais que utilizávamos: pinos de boliches, aproximadamente 15 bolas diversas, 2 túneis, cavalos de pau, várias cordas de tamanhos diversos, bambolês, dentre outros.

---

3. Destacamos que o Dormitório Pequeno, a Biblioteca e a Sala de Arte estavam em reformas no segundo semestre de 2015 e que a partir de 2016 já foram disponibilizados para os estagiários.

Nas sessões seguintes, narramos o início da experiência de Estágio, a construção das temáticas das aulas de EF, os principais desafios enfrentados e as aprendizagens construídas neste processo.

## O INÍCIO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Para iniciarmos o Estágio foi necessário ajustarmos elementos importantes para a prática pedagógica, por exemplo, a leitura do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a elaboração de um Plano de Ensino, esmiuçarmos cada parte do Plano de Aula, a abertura de um Diário de Campo<sup>4</sup>, a elaboração de algumas leituras e trabalhos solicitados pela Supervisora de Estágio, dentre outras estratégias. Posteriormente a essa etapa inicial do Estágio, fomos conhecer a escola que faríamos a nossa prática, em dois dias de visita.

No primeiro dia, visitamos a escola com o objetivo de conhecermos os espaços, as docentes, as crianças e para nos reunirmos com a Coordenadora Pedagógica da escola. Nessa reunião, tomamos conhecimento da história da escola, as parcerias com o Município de Porto Alegre, dentre outras informações. Já no segundo dia de visita, acompanhamos a turma que trabalharíamos no Estágio durante toda a manhã, assim, observamos sua rotina na escola, desde o café da manhã até o almoço, os cuidados com saúde e higiene, a hora do sono, dentre outros. A partir dessas observações, foi possível nos preparar para nossa futura prática pedagógica com os alunos e suas diversidades, bem como pensar em como planejaríamos as aulas de EF.

---

4. O Diário de Campo consiste em um caderno em que cada estagiário registra a experiência vivenciada no processo de estágio. Trata de anotações e sistematizações das atividades planejadas para as aulas de EF e as realizadas, ou seja, procurando escrever e, a partir disso, refletir sobre sua prática pedagógica. É compreendido um Documento no qual o estagiário registra em detalhes suas ações, os desafios enfrentados durante a prática, as tomadas de decisões e, ainda, se configura em uma espécie de “amigo crítico”, um interlocutor que o escuta em silêncio (MOLINA NETO, FRIZZO e SILVA, 2013).

Ressaltamos que a prática pedagógica que narramos nesse artigo, foi planejada, considerando o PPP da escola, este, embasado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), na Constituição Brasileira, no Estatuto da Criança e do Adolescente e nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

Reconhecendo a importância das experiências vivenciadas na primeira infância e acreditando ser a educação um direito da criança, a Escola de Educação Infantil [...] formula seu Projeto Político Pedagógico voltado para o atendimento das necessidades básicas de educação, afeto e socialização, numa ação complementar à educação familiar e da comunidade (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2011, p. 8).

A metodologia de trabalho pedagógico da escola compreende a criança construtora de seu próprio conhecimento, por meio da exploração do seu corpo, dos objetos e do espaço que está inserida, além de suas relações com o outro. Assim, ampliando a capacidade de descoberta, “[...] as crianças vão sendo inseridas de modo consciente na dinâmica da vida e se constituindo como sujeitos críticos e participativos” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2011, p. 8).

Além disso, o PPP da escola manifesta o compromisso com o desenvolvimento global das crianças e se embasa no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, de 1998, e entende a EI e a infância,

[...] um momento único da vida, no qual muitas descobertas acontecem. A criança tem seus anseios, vontades, desejos e diversos sentimentos e precisa viver isso intensamente. Para isso, é muito importante promover condições necessárias e um ambiente estimulador para a integração da criança com o ambiente escolar e seu grupo etário, bem como desenvolver sua criatividade e esquema corpora, possibilitando à criança expressar-se livremente (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2011, p. 10).

A partir desses referenciais, de conversas com a educadora responsável pela turma que trabalharíamos e após conhecer as crianças, fomos construindo as temáticas do trabalho de EF e nossas intenções pedagógicas naquele contexto.

## **A CONSTRUÇÃO DA TEMÁTICA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Durante as aulas teóricas iniciais do Estágio, intencionávamos trabalhar com a temática do Circo na EI. Escolhemos esse tema, primeiramente porque o Circo envolve e propõe o desenvolvimento de habilidades diversas. Do mesmo modo, além das habilidades motoras, vários autores que abordam a temática do Circo, apontam este, uma ferramenta que proporciona um conhecimento, aprofundamento e exploração do mundo lúdico, dotado de uma cultura própria (BORTOLETO, PINHEIRO e PRODÓCIMO, 2011).

A partir disso, dividimos as modalidades do Circo a serem trabalhadas nas aulas de EF em seis: malabarismo, equilibrismo, acrobacias, brincadeiras, artes e atividades de experimentação.

## **A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Em entrevista, Vicente Molina Neto aponta a EF como uma área contraditória no ambiente escolar, em que os alunos trabalham com a disciplina e a socialização necessária para a inserção na sociedade, mas, ao mesmo tempo, utilizam-se dela como um mecanismo de transgressão, encontrando meios para manter seu estado de criança (RUIZ, 2004). Ayoub (2005), destaca a importância de compreendermos a criança como ser histórico, que se constitui nas relações sociais. Assim, tais entendimentos necessitam ser considerados no planejamento das práticas educativas.

A partir dessa visão de EF foram construídos os Planos de Aula e as estratégias pedagógicas a serem realizadas para alcançarmos os objetivos pedagógicos com a turma, a saber: promover cooperação, respeito, autoconfiança, autonomia, exercício do imaginativo e desinibição em um ambiente descontraído e alegre; desenvolver a memorização e diferenciação das diferentes modalidades de práticas corporais do universo do Circo; diferenciar cada objeto trabalhado, memorizando as propriedades de leveza, textura, centro de gravidade, aderência, entre outros; desenvolver as habilidades físicas básicas da faixa etária através da variedade

de atividades e de materiais, sendo elas, correr, saltar, manipular objetos e equilibrar-se; desenvolver e aprimorar a consciência e o esquema corpora; e desenvolver força, noção de ritmo, propriocepção, lançamento, dança e acrobacias.

Diante disso, estudamos e construímos Planos de Aula que permitissem aos alunos uma maior possibilidade de expressão, semelhante à proposta de Concepções de Aulas Abertas, sugerida por Hildebrandt-Stamann e Laging (1986), a partir de um ensino centrado nas experiências das crianças e no seu papel ativo na construção dos conhecimentos, ou seja, uma aula aberta às aprendizagens e as elaborações das próprias crianças. Os entendimentos de que a criança aprende pela via corporal, de que as atividades de ensino e de aprendizagem podem ser construídas em conjunto, a partir de uma “co-decisão” e de que o docente possui um papel mediador neste processo, incentivando a participação das crianças, foram considerados nessa experiência de Estágio. A partir disso, aproximando-nos do entendimento de que as aulas só passariam a ter um caráter aberto, após a introdução do seu conteúdo, neste caso, os conhecimentos circenses. Assim, além de planejar atividades que envolvessem esses aspectos, assumimos uma postura que permitisse uma interação (com as crianças e com os conhecimentos da cultura corporal de movimento) a partir dos elementos circenses.

#### ATO UM: O AUGE

Das aulas trabalhadas no Estágio, destacamos três que nos marcaram nessa etapa de constituição da docência. É possível pensar que estas representam um apanhado das experiências que marcaram nossas aprendizagens, desafios e conquistas na construção docente.

A primeira delas, que relatamos nessa sessão, intitulamos “o auge”, porque, de fato, em nossa perspectiva, foi um dos melhores momentos, considerando planejamento, envolvimento da turma e soluções imediatas para algumas circunstâncias desafiadoras ocorridas. A segunda experiência será abordada na sessão seguinte e nomeamos “o declínio

instantâneo”, por ter ocorrido duas aulas após “o auge” e ter tomado dimensões, de certo modo, catastróficas para um docente iniciante. A terceira, intitulada “a retomada”, trata de como tivemos que nos reorganizar para seguir adiante com nosso planejamento e como refletimos sobre o desfecho dessas experiências em nossas práticas pedagógicas e as aprendizagens delas decorrentes.

O auge das práticas pedagógicas de EF – planejadas e realizadas no Estágio –, ocorreu na primeira aula da Unidade Didática de Acrobacias. Neste momento, já tínhamos realizado duas avaliações satisfatórias com a turma: uma na Unidade de Malabarismo e outra na de Equilibrismo. Percebemos, através da avaliação, que nossas aprendizagens docentes vinham crescendo nos quesitos “domínio da turma” e no “grau de complexidade das atividades”, práticas não tão fáceis de realizar em um curto período de tempo, como é o caso da experiência de Estágio. Nossa criatividade estava fluindo e, por isso, estávamos conseguindo planejar as atividades com diversos elementos lúdicos e estratégias metodológicas, considerando as necessidades e as aprendizagens já realizadas com as crianças.

Nessa aula que denominados “o auge”, planejamos um cenário para que uma história narrada se concretizasse. Assim, escolhemos uma história envolvendo acrobatas, um rei e um castelo, o que proporcionava um objeto símbolo de grandiosidade e a possibilidade de materializá-lo com os materiais disponíveis na escola, aproximando, assim, fantasia e realidade, a partir do universo simbólico dos alunos. Nesse sentido, antes de começar a atividade, fomos até a Sala do Espumado e montamos um castelo com os diversos materiais disponíveis (figuras e formas geométricas coloridas) em cima de uma piscina de bolinhas.

Essa estratégia nos permitiu uma interação muito significativa com a turma. Os alunos ficaram maravilhados ao ver a história se concretizando e, devido a isso, ficaram muito mais motivados para realizar as tarefas propostas. Características da história, como o fato do rei apenas se comunicar somente com o professor através de um “apito mágico”, também ajudou na manutenção das atividades. A partir disso, realizamos toda a parte inicial da atividade de experimentação acrobática, com



o apoio do rei dentro do castelo, e, o “tradutor” do rei (apito mágico), inventando uma atividade semelhante ao “chefe-manda”. Percebemos, posteriormente, na reunião com todo o grupo de estagiários e na análise da aula dada, que tivemos uma significativa versatilidade de lidar com os imprevistos, aproximando com o que Perrenoud (2001) denomina de “agir na urgência”.

Em um segundo momento da prática pedagógica, desmontamos o castelo para uma atividade de saltos na piscina de bolinhas. Para não possibilitar que a turma pudesse perder o foco da atividade, diante do brinquedo extremamente atrativo que tínhamos acabado de revelar, estabelecemos rapidamente alguns limites e acordos pedagógicos, criando um fosso imaginário entre a área das crianças e o espaço em que se encontrava o castelo. Assim, nesse fosso, que era representado por uma região do piso de tatame de cor diferente, cada aluno só poderia atravessar quando a ponte (objeto de espuma que antes fazia parte do castelo) fosse abaixada pelo professor.

Após refletirmos sobre nossa prática e identificarmos os pontos positivos que contribuíram com o sucesso desta, percebemos que a aproximação do imaginário ao real, contribuiu para que os objetivos e as intenções pedagógicas fossem alcançados. Aprendemos que nossa escuta cuidadosa e atenção ao que estava acontecendo na aula foram imprescindíveis para que as possíveis adversidades fossem contornadas e algumas inquietações e ansiedades diversas, fossem revertidas e não atrapalhassem o andamento desta. Pensamos, ao final dessa aula, que havíamos chegado a um platô e tínhamos encontrado a fórmula ideal de lidar com a turma, e que isso significava que não teríamos maiores problemas e/ou desafios nas próximas práticas pedagógicas.

## ATO DOIS: O DECLÍNIO INSTANTÂNEO

Após a narrativa da sessão anterior, realizamos a aula seguinte envolvendo acrobacias aéreas e, a posterior (foco de análise neste capítulo), foi de significativa aprendizagem e, de certo modo, impactante em nossa iniciação à docência. Nesse dia, não só questões de logística,

mas alguns fatores externos, incluindo eventos do Calendário Escolar (que tomamos conhecimento posteriormente), acabaram interferindo, negativamente, na aula. Naquele dia, todas as crianças estavam presentes, inclusive, crianças que estavam na aula de EF pela primeira vez. Dessa forma, percebemos que a sala reservada não comportava toda a turma. Percebemos, também, que as crianças estavam ansiosas além do que já tínhamos observado até o momento. Contudo, optamos por não alterar o planejamento, que consistia em uma sequência de exercícios diversos envolvendo obstáculos no chão, e, ao final, faríamos uma torre com esses objetos no centro da sala em homenagem ao rei da história anterior, já que esta atividade envolvia e encerrava a Unidade de Acrobacias.

Do mesmo modo que nas aulas anteriores, havíamos deixado a Sala do Espumado preparada para a atividade, lembramos que, como a turma estava completa, pudemos confirmar que o espaço era, de fato, pequeno para as 22 crianças. Assim, para que a turma pudesse entrar na sala de modo a não comprometer a organização do espaço e do material, sugerimos que as crianças ficassem na lateral, encostadas na parede para que a “fila” (formação escolhida para a aula) ficasse reta. Por fim, mostramos a atividade, explicamos cada obstáculo e seus possíveis desafios.

O primeiro problema de logística se manifestou quando vimos que as primeiras crianças que acabavam a atividade, começavam a interagir com as que ali chegavam, bloqueando a passagem e gerando certo transtorno no local. A segunda observação foi à identificação de que o tempo de espera ao término da atividade, somado à interação das crianças no local, levou a uma pequena agitação no andamento da aula. A partir desse fato, algumas decisões pedagógicas foram tomadas de maneira equivocada: as crianças que se mostravam mais agitadas, estavam perdendo o interesse na atividade, assim, a partir disso, procuramos promover uma interação entre estas, e, assim, aquelas que aguardavam foram estimuladas a “torcerem” por seus colegas. Entretanto, o que ocorreu, foi um aumento da agitação a cada momento que passava.

Ao trocar para a atividade final, percebemos que a aula estava escorregando por nossas mãos e a atividade de volta calma acabou não

acontecendo. No lugar dela, os alunos “tomaram conta da atividade”, brincando livremente de maneira muito agitada nos brinquedos da sala, sem considerarem o que lhes era solicitado pelo professor. Ao perceber a desatenção total, a tentativa de retomar foi através de medidas que não tiveram sucesso.

Após alguns segundos de uma sensação que apenas conseguimos comparar a um transe coletivo, tivemos que retirar as crianças uma a uma do ambiente, informando que a atividade havia terminado. Finalmente, conseguimos colocar toda a turma do lado de fora da sala e começamos a nos preparar para retornar a sala da turma. Esperamos a turma se organizar, somente conversando o necessário para que o retorno acontecesse. Percebemos que esse silêncio foi algo novo para a turma, pois estavam esperando alguma conversa mais séria ou, até mesmo, um “sermão” sobre o que tinha acontecido. Já na sala da turma, com as crianças sentadas em círculo, conversamos sobre o que havia ocorrido e manifestamos nosso descontentamento com a prática. Ao sairmos, sabíamos que teríamos que fazer algo no próximo encontro para retomar a turma e o que já tínhamos conquistado até o momento, e, identificamos que tínhamos que procurar um equilíbrio entre a rigorosidade e a permissividade.

#### ATO TRÊS: A RETOMADA

É importante destacar que não foi tarefa fácil escolhermos ou adotarmos uma nova estratégia para retomar as atividades. Optamos em tomar uma decisão entre (1) aumentar a rigorosidade das práticas pedagógicas, que, até o momento, estavam focadas somente no aspecto lúdico e com características “mais livres”, e (2) não tratar de modo tão enfático o ocorrido, dando continuidade as aulas até o final do Estágio. Decidimos, assim, antecipar uma atividade do conteúdo de Artes, objetivando retornar com atividades que tivessem menor chance de iniciar novos desafios para um docente iniciante.

Esse tempo de reflexão foi fundamental para nossa prática futura. Identificamos, através da análise do Diário de Campo que o desacerto

não estava localizado somente na abordagem pedagógica, e sim, percebemos que fatores externos, influenciam de modo significativo nossa prática pedagógica. Nesse caso, tomamos conhecimento que, no dia da aula do “declínio instantâneo”, haveria uma comemoração coletiva dos aniversariantes do mês na escola, e, por isso, todos os alunos estavam presentes e, por conseguinte, agitados.

Além disso, percebemos que até aquele dia estávamos preocupados em não ter uma prática pedagógica tão rigorosa por medo de acabar limitando a exploração e a expressividade dos alunos. Posteriormente, compreendemos que a rigorosidade poderia existir, porém que poderia ser praticada de outra maneira, talvez de modo firme e decisivo, mas não imposta. Fomo-nos dando conta que a turma sempre foi aberta ao diálogo e a maturidade dos alunos permitia que entendessem acordos e regras. Decidimos, a partir disso, seguir com o planejamento dos conteúdos e que procuraríamos encontrar um equilíbrio entre a disciplina e o excesso de abertura.

## **CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS**

Para finalizar essa narrativa, é possível dizer que, durante o período de Estágio aprendemos, através do convívio contínuo, que nossa compreensão sobre o desenvolvimento e as necessidades de cada criança, foi se ampliando. Com o passar do tempo e da realização das atividades, fomos entendendo as dificuldades e as conquistas de cada uma, e, encontrando soluções particulares para cada situação diária adversa que ocorria na prática pedagógica da EF. Aliado a isso, destacamos que o título desse artigo, denominado “circo itinerante”, se deve ao fato de essa ser uma característica do circo tradicional, que tanto atrai as crianças, e do mesmo modo, porque representava nossa participação na EF dessa escola: que foi passageira, efêmera.

Através dessa experiência singular, pudemos observar que a temática do Circo e seus elementos, se mostraram um significativo conhecimento da cultura corporal que pode e deve ser trabalhado na EF na

EI, pela diversidade de práticas corporais e exploração de materiais. Foi possível nos apropriarmos de cenários fantasiosos, das mais diferentes modalidades de práticas corporais, devido a um conhecimento prévio do Circo e da liberdade que tivemos para criar aulas. Contudo, ressaltamos que, em nossa perspectiva, a principal influência que o Circo teve em nossa prática pedagógica foi na maneira mais lúdica e leve de encararmos cada dia de Estágio, compreendendo os alunos como crianças que tem a necessidade e o direito de realizarem experimentações diversas, com o compromisso de construírem aprendizagens significativas da cultura corporal de movimento e de serem felizes e autônomas no ambiente escolar e nas atividades que vivenciam.

Outra aprendizagem que ressaltamos com a experiência deste Estágio foi que a “boa aula” não depende de um modelo perfeito e estático para sua concretização. A constância da observação diária, a compreensão das características da turma, a capacidade de decisão e de lidar com os imprevistos, foram elementos indicativos de que a aula planejada pudesse ter sucesso e que não ficasse esvaziada de sentido.

Além disso, é importante lembrar que atuamos com seres em formação, de livre pensamento e que estão passando por constantes mudanças. Nessas circunstâncias, a teoria e o conhecimento tiveram de se fundir com a criatividade e a arte (nesse caso, o Circo) para proporcionar essa experiência única. Aprendemos, ainda, que esses elementos foram praticados e aprimorados com o auxílio do Diário de Campo e a partir dos diálogos entre colegas de Estágio, Supervisora e Educadora da escola, ou seja, na construção de conhecimento entre os pares, a partir da experiência vivida.

## REFERÊNCIAS

AYOUB, E. Narrando experiências com a educação física na educação infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 143-158, 2005.

BORTOLETO, M. A. C.; PINHEIRO, P. H. G. G.; PRODÓCIMO, E. **Jogando com o circo**. São Paulo: Fontoura, 2011.

HILDEBRANDT-STAMANN, R.; LAGING, R.. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Indústria e Comércio, 1986.

MOLINA NETO, V.; FRIZZO, G. F. E.; SILVA, L. O. e. O trabalho pedagógico do professor como eixo articulador da formação, da pesquisa e do ensino do professorado de educação física. **Cadernos de Educação**, Pelotas, p. 100-118, set. 2013.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola de Educação Infantil. 2011.

RUIZ, M. A. Pensando em La situación actual de La educación física em Brasil: Formación e investigación em la Universidade de Rio Grande do Sul. Entrevista a Vicente Molina Neto. **Educación física y deporte – Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 76, Setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd76/invest.htm>> Acesso em: 29 de fevereiro de 2016.

**Recebido: 16 março 2016**

**Aprovado: 30 agosto 2016**

**Endereço para correspondência:**

**Lisandra Oliveira**

**Rua dos Andradas, 531, apto 709**

**Centro Histórico**

**Porto Alegre – RS**

**CEP: 90020-001**

**[lisgba@yahoo.com.br](mailto:lisgba@yahoo.com.br)**